

Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio de Governo de Honduras

Tegucigalpa - Honduras, 07 de agosto de 2007

Senhores ministros de Estado de Honduras e do Brasil,
Senhores embaixadores de Honduras e do Brasil e também senhores embaixadores convidados para esta solenidade,
Senhoras e senhores integrantes das comitivas hondurenha e brasileira,
Senhoras e senhores,
Amigos e amigas,

É uma honra para mim ser o primeiro presidente brasileiro a visitar Honduras. Aceitei o amável convite de Vossa Excelência por estar convencido de que temos a oportunidade histórica de completar a obra daqueles que, há um século, deram os primeiros passos para aproximar nossos países.

Do lado brasileiro, foi o próprio patrono da nossa diplomacia, o Barão do Rio Branco, quem propôs o estabelecimento de relações formais entre Honduras e Brasil. Cem anos de amizade e de consolidação dos laços entre nossos povos. Grande número de hondurenhos estudou em universidades brasileiras, ajudando a transformar uma frutífera cooperação acadêmica e profissional em fator de aproximação de nossos povos.

Mas queremos, hoje, dar um salto qualitativo nesse relacionamento, compatível com nossas aspirações ao desenvolvimento e com as exigências de um mundo em profunda transformação.

Por isso, estamos empenhados em desenvolver iniciativas ambiciosas, concluir novos acordos e aprofundar a cooperação bilateral. Temos a nosso favor uma ampla convergência de valores em torno dos ideais democráticos e de nosso firme compromisso com a justiça social. E também uma identidade de pontos de vista, como atestamos em nossas conversações, sobre temas cruciais da agenda internacional.

Estamos unidos na defesa do multilateralismo e do direito como fundamentos das relações entre os Estados. Coincidimos no apoio à reforma

das Nações Unidas e, em particular, na necessidade urgente de ampliar seu Conselho de Segurança, para torná-lo mais legítimo e representativo da realidade contemporânea. Concordamos que a Rodada de Doha para o Desenvolvimento deve fazer jus a seu nome e atender às legítimas aspirações dos países mais pobres.

Partilhamos a mesma determinação em aproximar o Sistema de Integração Centro-Americano e o Mercosul. Devemos ter como objetivo o horizonte próximo, o lançamento de negociações para um Tratado de Livre Comércio SICA-Mercosul. O mesmo compromisso com a cooperação solidária em prol do progresso de nossa região determinou o empenho do Brasil em ajudar a equacionar a dívida de Honduras junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento. Essa decisão, que também beneficiou outras quatro nações de nosso continente, foi mais do que um gesto de solidariedade. Foi um crédito de confiança na capacidade do povo hondurenho de encontrar, soberanamente, o caminho do crescimento sustentável.

Quero fazer, neste ponto, um tributo à inspiração ética e moral e à liderança de um grande cidadão hondurenho, o cardeal Oscar Andrés Rodríguez. Colhemos, hoje, os frutos de seus esforços pioneiros para impedir que, a pretexto de cobrar dívidas, a comunidade internacional inviabilize a recuperação econômica dos países mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

O relançamento das relações entre Honduras e Brasil já conta com sólidas fundações. São vários os campos nos quais temos conseguido traduzir em resultados efetivos nossas aspirações de estreitar essa parceria. Vou dar aqui três exemplos: o primeiro diz respeito ao incentivo à cooperação em biocombustíveis. Sempre assegurei ao presidente Zelaya – e reafirmo agora – que o Brasil está totalmente disposto a cooperar com Honduras, seja no setor do etanol seja no biodiesel. Já adotamos várias ações concretas: ajudamos a organizar uma missão hondurenha ao Brasil; trouxemos aqui um especialista brasileiro e asseguramos a participação de seu país em encontros que promovemos sobre o potencial energético das biomassas; assinamos um instrumento de cooperação bilateral que hoje está sendo posto em vigor; estimulamos também os entendimentos entre empresas do ramo. Não por acaso, estou sendo acompanhado nesta visita por representantes do setor.

O segundo exemplo tem a ver, justamente, com a cooperação empresarial. Em junho do ano passado, o Brasil enviou a Honduras a maior missão de negócios na história das relações bilaterais. Essa delegação se reuniu com autoridades e empresários hondurenhos, em San Pedro Sula, para discutir como ampliar o comércio e os investimentos recíprocos. Esse diálogo está sendo retomado em conversações, neste mesmo momento, entre um expressivo grupo de empresários brasileiros e empreendedores locais.

Confio na capacidade da iniciativa privada em criar novas possibilidades de negócios entre os dois países. É o que estamos vendo com a multiplicação por quatro do intercâmbio comercial Brasil-Honduras nos últimos cinco anos: em 2006, atingiu 140 milhões de dólares.

Mas nossas trocas ainda são muito desequilibradas em favor do Brasil. Um Acordo de Livre Comércio entre o Sica e o Mercosul, que respeite as assimetrias entre as economias dos países, poderá ajudar a abrir novos mercados para as exportações de Honduras.

O terceiro exemplo é o relançamento do Programa de Cooperação Técnica Bilateral. Hoje, assinamos acordos para a execução de projetos de colaboração em áreas prioritárias como saúde, recursos hídricos e agricultura. Ainda no ano passado, atendemos integralmente ao pedido hondurenho de doação de medicamentos para o tratamento de pessoas que vivem com Aids.

É com grande satisfação que estamos contribuindo para os esforços da primeira-dama Xiomara Castro de Zelaya para mobilizar recursos no combate à pandemia. A experiência exitosa do Brasil mostra que é possível assegurar a todos o direito de viver com dignidade e esperança.

Caro presidente Zelaya,

Desde já aguardamos uma visita de Vossa Excelência ao Brasil para consolidarmos, definitivamente, o novo nível que conseguimos imprimir às relações entre nossos dois países. Espero vê-lo brevemente em Brasília para dar continuidade ao nosso diálogo e acompanhar a implementação das medidas que acordamos aqui.

Posso lhe assegurar que será recebido com a mesma hospitalidade e generosidade que marcaram minha estada aqui em Tegucigalpa. No Brasil, o prezado amigo encontrará um país igualmente determinado a realizar o pleno potencial da amizade que sempre uniu hondurenhos e brasileiros.

Meu amigo presidente Zelaya,

Eu queria dizer mais algumas palavras e levar o tradutor a um sacrifício maior, porque ele não tem texto para ler. Mas é importante dizer ao povo de Honduras, aos brasileiros que estão aqui e, sobretudo, à imprensa brasileira e à imprensa hondurenha, o significado desse nosso gesto.

Desde que tomei posse, em janeiro de 2003, tomei uma decisão de que o Brasil não poderia continuar de costas para os países da América do Sul e para os países da América Central e América Latina. Da mesma forma, tomamos a decisão de que não era possível olharmos para o continente europeu sem querermos enxergar o continente africano. Da mesma forma, não poderíamos enxergar no Oriente Médio apenas o conflito. E também decidimos que a China não poderia ser parceira estratégica e preferencial apenas dos Estados Unidos da América do Norte. E resolvemos estabelecer parcerias estratégicas.

E veja bem, Presidente, o Brasil tem uma relação privilegiada com os Estados Unidos, histórica, é um grande parceiro comercial, eu diria uma parceria estratégica no mundo. Pois bem, o Brasil também tem uma extraordinária relação com os vários países europeus. Alguns têm, no Brasil, a sua segunda pátria para investimentos. Entretanto, tomamos uma decisão política, econômica, e uma posição de soberania. Ou seja, um país que quer ser soberano não pode ficar dependendo apenas de um ou de dois parceiros. É preciso que tenhamos uma relação bastante plural.

Ontem estive no México e tivemos uma longa conversa com o presidente Calderón. Acordamos que não é possível o Brasil não enxergar o México, não é possível o México não enxergar o Brasil, e não é possível o Brasil olhar para o México sem ver toda a América Central e o Caribe, e que não é possível o México olhar para o Brasil sem ver toda a América do Sul, a América Central e o Caribe.

E eu dizia ao presidente Calderón: olhemos o mapa da América Latina e vamos perceber que por mais estreito que seja o nosso mapa nesta região e na região do Panamá, Deus, na sua onipotência, ligou os continentes, foram os homens que dividiram o continente. E portanto, agora, os homens que governam o mundo, no século XXI, precisam pensar diferente dos homens que governaram no século XIX e no século XX. Afinal de contas, não temos mais a

política de colonização do século XIX, não temos mais as guerras frias do século XX. E, a duras penas, com sacrifícios, com vítimas, nós conquistamos a liberdade. É preciso agora transformar essas palavras mágicas chamadas “liberdade e democracia” em mais comida na barriga do povo pobre do nosso continente, em mais educação para a gente pobre, em mais empregos, em mais salários e, sobretudo, em mais expectativa de vida e de esperança para o nosso povo.

Foram essas convicções que me trouxeram a Honduras, que me levarão à Nicarágua, que me levarão à Jamaica e ao Panamá. E essas mesmas convicções me farão visitar, nos próximos meses, outros países e, sem nenhum preconceito contra os países ricos, porque gosto de todos eles e quero manter boas relações, nós precisamos aprender, de uma vez por todas, a descobrir, entre nós, as oportunidades que poderemos nos oferecer mutuamente.

A minha passagem por Honduras certamente, por si só, não vai resolver todos os problemas nem de Honduras e nem do Brasil. Eu diria, presidente Zelaya, que é como se Vossa Excelência e eu estivéssemos andando de avião e descobríssemos um poço de petróleo ou um garimpo. Ou seja, nós, agora, temos que dizer para o nosso povo, para os nossos intelectuais, para os nossos políticos, para os nossos empresários, que eu não sei se é petróleo ou ouro o que nós encontramos em nossas relações, mas eles, agora, precisam garimpar para transformar essa riqueza potencial das nossas relações em algo concreto que possa permitir que o mais humilde dos brasileiros e o mais humilde dos hondurenhos acredite que vale a pena nós não virarmos as costas uns para os outros e fazermos da nossa relação quase que uma profissão de fé para atender aos interesses soberanos de Honduras e do Brasil.

Muito obrigado.